

POLIFONIA, DIALOGISMO E O PODER DOS DISPOSITIVOS NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM.

POLYPHONY, DIALOGISM AND THE POWER OF THE DISPOSITIF IN VIRTUAL LEARNING ENVIRONMENTS

Jéssica Leal MENDONÇA
Universidade Federal de São Carlos
UFSCar/Campus São Carlos
leal_jessi@hotmail.com

Valdemir MIOTELLO
Universidade Federal de São Carlos
UFSCar/Campus São Carlos
miotello@terra.com.br

RESUMO: Os conceitos bakhtinianos de polifonia e dialogismo, assim como o poder dos dispositivos de capturar, modelar e direcionar os indivíduos, segundo Agamben (2005), podem contribuir para que educadores reflitam sobre sua prática, pois apontam formas de criar um ambiente de aprendizagem motivador e que possibilita a interação, favorecendo o confronto de várias opiniões (vozes para Bakhtin) e, desse modo, desenvolvendo o senso crítico e o conhecimento dos educandos.

Palavras-chave: Polifonia; Dialogismo; Dispositivos; Ambientes Virtuais.

ABSTRACT: The bakhtinian concepts of polyphony and dialogism, as well as the power of the dispositifs to capture, model and target individuals, according to Agamben (2005), can contribute to educators reflect on their practice, because they show means to create a motivating learning environment and enable interaction, favoring the confrontation of various opinions (voices to Bakhtin) and thereby developing the critical sense and the knowledge of the students.

Keywords: Polyphony; Dialogism; Dispositifs; Virtual Environments.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir como a interação, partindo da ótica bakhtiniana, e o poder dos dispositivos, segundo Agamben (2005), podem contribuir para o trabalho docente e para a motivação dos alunos em busca da construção de novos saberes em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). Para realizar tal tarefa, selecionamos e analisamos um AVA de uma determinada disciplina sobre a história do estado brasileiro, ofertada em 2014, e pertencente a um curso de especialização a distância, na área de Gestão Pública, de uma universidade federal brasileira, situada no estado de São Paulo.

Considerando os conceitos de *polifonia* e *dialogismo* de Bakhtin (2008), sendo o primeiro a presença de várias vozes no (s) discurso (s), apresentando distintas perspectivas

sobre um mesmo assunto e provenientes de um ou vários sujeitos, e, o segundo, o processo de combinação e mescla dessas vozes em um dado contexto, podemos obter uma noção mais completa de como a interação pode contribuir para a construção de saberes em ambientes de aprendizagem, pois quando alunos e professores confrontam suas vozes umas com as outras e com as vozes presentes nos textos de leitura, criando discursos, eles estão, ao mesmo tempo, produzindo novos conhecimentos. Por isso, o processo interativo nos ambientes de aprendizagem é tão importante e objetivado pelo professor, no entanto, o grande desafio é mediar uma aula na qual haja interação.

Para que a *polifonia* e o *dialogismo* ocorram e, conseqüentemente, a formação de um novo saber, os alunos precisam estar motivados a realizar as leituras e a participar das discussões nos ambientes de aprendizagem, e um dos meios para cativar a atenção dos estudantes pode se dar através da utilização de *dispositivos*, segundo a concepção alavancada por Foucault (*apud* Agamben, 2005), a qual foi interpretada e desenvolvida por Agamben em seu texto “O que é um dispositivo?”. O “dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder” (Agamben, 2005, p.10), o qual pode estar relacionado à capacidade de capturar o indivíduo, ou seja, de prendê-lo em sua teia de significação. Para o autor, existem duas grandes classes, os *seres viventes* e os *dispositivos*, a partir da relação entre eles surge o sujeito.

Assim, é possível fazer uma ponte entre Agamben e Bakhtin, a qual pode orientar o trabalho docente, pois dispositivos adequados utilizados pelo educador, tais como slides, músicas, filmes, textos, imagens, jogos e sua própria linguagem, entre outros, possuem a capacidade de transformar o aluno em sujeito – um indivíduo ativo e crítico em relação a sua sociedade – no ambiente de aprendizagem, a partir da produção de discursos polifônicos, o que resultará em um contexto dialógico, que lhe possibilite relacionar o que já sabe às novas ideias presentes nos dispositivos e nas vozes dos outros indivíduos envolvidos, construindo, assim, seu próprio saber.

2. Educação a distância

A procura por cursos de educação a distância (EaD) está se expandindo no Brasil, pois eles representam uma opção para quem possui impedimentos para se formar e se

aprimorar em outra modalidade, por diversas razões, tais como: não disponibilidade de cursar disciplinas presenciais em horários específicos, ausência de instituições de ensino nas proximidades de suas residências, entre outros motivos de diferentes naturezas individuais. Segundo Mill (2011), essa modalidade pode ser caracterizada pela separação física entre aluno e professor e pela intensa utilização de tecnologias de informação e comunicação, como internet, programas computacionais, salas de bate-papo, entre outras, para a mediação do processo de ensino-aprendizagem.

Na EaD, os ambientes virtuais de aprendizagem são espaços *on-line* que podem ser comparados às salas de aulas dos cursos de educação presencial, pois são neles que os alunos entram em contato com os textos, vídeos e outros recursos, que trazem os conteúdos da disciplina, além de proporcionarem fóruns de discussão, transmissão de videoconferências em tempo real com o professor, fóruns de dúvidas e mural de avisos, os quais podem ser considerados dispositivos, segundo a concepção de Agamben (2005), que motivam os estudantes a interagir com a comunidade virtual e a realizar as leituras propostas, o que irá contribuir para o aprendizado.

Mill (2011) afirma que, ao longo de sua história, a EaD tem sofrido preconceito em comparação à educação tradicional e presencial, pois, tomando esta como referência, questiona-se a questão da avaliação e da interação professor-aluno, sendo a segunda nosso objeto principal de análise, isto é, o processo interativo foi o foco para a realização deste trabalho, devido a sua já sabida importância para a educação.

3. Agamben e Bakhtin: conceitos norteadores da análise.

3.1 Os Dispositivos em Agamben.

Em sua fala proferida em 2005, em uma conferência que realizou no Brasil, Agamben discute o que é um dispositivo, passando, principalmente, pelo trabalho de Foucault (*apud* Agamben, 2005), e apresenta importantes pontos sobre o conceito, afirmando que o dispositivo é um conjunto heterogêneo, o qual se estabelece na relação entre elementos como discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança etc.

Outro ponto importante apontado pelo autor é a ideia foucaultiana de que o dispositivo tem sempre uma função estratégica, inscrevendo-se em uma relação de poder dentro de uma rede de elementos históricos, não se referindo apenas a uma tecnologia de

poder específica e assumindo um caráter universal dentro da sociedade, como o Estado e a Lei. Sendo assim, o autor afirma que para Foucault o dispositivo refere-se a um conjunto de mecanismos, os quais podem ser linguísticos ou não, técnicos ou militares, por exemplo, que objetivam atender uma urgência e alcançar um efeito.

Após fazer essas reflexões, Agamben (2005) expõe suas conclusões sobre o que interpreta como sendo o significado do dispositivo, propondo uma divisão em duas classes, como já mencionamos — os “seres vivos” e os dispositivos —, que possuem a capacidade de orientar, modelar, controlar e capturar aqueles. Nessa concepção, os dispositivos não são apenas fábricas, disciplinas e prisões, ou seja, instituições com poder evidente, mas também caneta, escritura, literatura, cigarro, telefones, celulares e a própria linguagem. Portanto, para o autor, a partir da relação (corpo a corpo) entre os dispositivos e os seres vivos, estes se tornam sujeitos, sendo esse fenômeno, juntamente com a capacidade de captura dos dispositivos, que nos interessam, pois, no ensino, o professor pode aproveitar-se desses recursos, incluindo sua própria linguagem para motivar e direcionar os alunos e, assim, transformá-los em sujeitos, no sentido social, ou seja, transformá-los em seres não só pertencentes a um determinado contexto e comunidade, mas também ativos, críticos e autônomos.

Quanto à capacidade do professor de direcionar os alunos através da utilização dos dispositivos, após despertarem o interesse deles também por meio destes, é possível pensarmos em um direcionamento que aponte para algo novo, no sentido de diferente do que o estudante está acostumado, ou seja, podemos propor um professor mediador que aponta novas possibilidades, promovendo, senão uma mudança de conduta, algo que pode ser até mais significativo: o senso crítico.

Podemos pensar que o professor utiliza diversos dispositivos menores, já que fazem parte de uma rede maior, tais como livros, linguagem, vídeos e atividades, por exemplo, para motivar e direcionar os alunos, transformando-os em sujeitos. No entanto, em um âmbito mais geral, conseguimos identificar a educação como um dispositivo mais complexo, repleto de nós que compõem a sua teia, com esse poder de transformar os seres vivos em sujeitos, ou seja, os indivíduos em cidadãos, a partir da mediação da relação alunos-dispositivos.

Sendo assim, é possível inferir que a contribuição que Agamben (2005) trouxe sobre o dispositivo, ampliando a noção dada por Foucault (*apud* Agamben, 2005), apontando a construção do sujeito a partir do contato do ser vivente com os dispositivos, pode suscitar diversas reflexões sobre as relações sociais, sobre o pertencimento a um grupo, sobre a subjetividade, e a própria construção do eu-social. Entendemos a noção de sujeito apontada pelo autor, como a transformação de um ser que apenas está vivo, mas alienado da sua sociedade e contexto, em um indivíduo crítico que vai se tornando cada vez mais social, conforme se relaciona com os dispositivos, assim como, para Bakhtin (2008), o sujeito constrói-se a partir da interação dialógica, ao vivenciar um processo infinito de confronto das suas vozes com as que estão presentes em outros discursos.

A grande rede que compõe o dispositivo chamado educação é uma das instituições sociais que conseguimos analisar através desse viés e do referencial bakhtiniano, o qual, como veremos a seguir, pode enriquecer muito a visão crítica sobre a vida e todas as suas instâncias, ocasionando, muitas vezes, mudanças de condutas.

3.2 Polifonia e dialogismo: Uma contribuição de Bakhtin para a educação

Em seu livro *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008), Bakhtin analisa a obra do romancista russo e identifica características, as quais chama de Polifonia e Dialogismo, sendo este fruto da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário, os quais são constituídos de vozes (opiniões), que os tornam seres sociais e históricos, pois essas vozes que os compõem são provenientes de outras experiências interacionais passadas e que vão sendo incorporadas a eles ao longo do tempo; já a Polifonia é a presença dessas vozes em uma dada situação, assim, um discurso polifônico, por analogia ao romance polifônico, tão profundamente compreendido por Bakhtin no trabalho de Dostoiévski, é aquele que apresenta muitas vozes equipolentes, e em jogo de equivalência, provenientes das relações dialógicas, dessa forma, podemos inferir que, quanto mais experiências dialógicas um sujeito vivencia, mais polifônico ele se torna.

O dialogismo, para Bakhtin (2008), corresponde à palavra em constante movimento, pois enquanto o sujeito é influenciado pelo meio por estar em contato com diferentes discursos repletos de vozes, ele também age sobre o seu ambiente, transformando-o a partir

das vozes que traz em seus discursos. Sendo assim, para o filósofo russo, o sujeito constitui-se na interação e por ela, já que durante o processo dialógico ele modifica seus ideais e também influencia o(s) do(s) outro(s), ou seja, para que haja dialogismo é necessário ao menos o “eu” e o “outro”.

O dialogismo, essência da teoria bakhtiniana do discurso, reitera a presença do sujeito na comunicação, que não é vista apenas como uma simples transmissão de informação, mas como uma interação verbal ou não verbal. Os sujeitos se constituem na e pela interação. O discurso, construído a partir do discurso do outro, nunca está concluso. Então, todo texto é composto de várias vozes que, na polifonia, têm de ser equipolentes. Segundo Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos. Só compreendemos enunciados quando reagimos às palavras que despertam em nós ressonâncias ideológicas e/ou concernentes à nossa vida. (PIRES, 2010, p. 66).

Desse modo, podemos inferir que, enquanto o dialogismo constitui o funcionamento da linguagem e o homem como um ser dialógico, para Bakhtin, a polifonia é o conjunto de vozes ideologicamente distintas, com o mesmo valor dentro do discurso, pois uma voz não se sobrepõe à outra como mais válida. Sendo assim, o dialogismo é a interação entre o “eu” e o “outro” e de suas respectivas vozes, enquanto a polifonia é o resultado desse processo, ou seja, a presença dessas vozes díspares (em pé de igualdade) no enunciado, o qual está sempre em aberto, inconcluso, devido à possibilidade de manifestação de vozes autônomas.

Segundo Paulo e Moreira (2012), Bakhtin demonstra que a criação do romance polifônico foi possível devido ao contexto histórico do capitalismo, quando surgiu uma luta contra a “coisificação” do homem. A presença das vozes, no discurso do sujeito, caracteriza um ser complexo, crítico e de várias facetas, para entendermos o dialogismo e como se dá a incorporação das vozes de um indivíduo por outro, devemos nos atentar ao todo sem esquecer as partes, ou seja, é preciso que nos atentemos a cada enunciado, de cada sujeito, e ao discurso como um todo, além de levarmos em consideração os contextos histórico e social.

Para enxergarmos a construção da polifonia e do dialogismo, e como esses fenômenos constituem o sujeito, devemos considerar diversos fatores, tanto internos como externos ao discurso, e ainda ampliarmos o rol de espaços / situações que podem ser vistos a partir do referencial bakhtiniano, pois “[...] o princípio dialógico permeia a concepção de Bakhtin de linguagem e, quem sabe, de mundo, de vida.” (BARROS, 1994, p. 2). Com isso,

propomos que pensemos não só em discursos, mas, também, em todas as situações que se relacionam a esses discursos, a fim de olharmos para a vida com uma visão bakhtiniana.

Nesse trabalho, escolhemos direcionar nossa atenção à educação, trazendo as ideias do filósofo russo como plano de fundo para as reflexões, além de conceitos de outros autores que possam contribuir para a elaboração de um pensamento crítico e para, talvez, a construção de condutas a serem assumidas no contexto educacional.

Segundo Bakhtin (2008), para que haja polifonia é preciso que todas as vozes estejam no mesmo nível, ou seja, uma não pode ter mais prestígio (senso de correção) que a outra, todas precisam ser levadas em consideração no processo dialógico. Sendo assim, a polifonia na educação, no caso dessa pesquisa, devido ao recorte realizado, nos ambientes virtuais de EaD, se dá quando a voz de cada participante do processo de ensino e aprendizagem possui a mesma relevância, ou seja, professores e tutores precisam considerar os saberes trazidos pelos alunos, os educadores por meio dos dispositivos precisam conseguir a atenção e direcionar os alunos, não para impor determinado pensamento, mas sim para mostrar possibilidades e deixá-los à vontade para construir seu próprio ponto de vista:

[...] podemos ver no conceito de polifonia a máxima do pensamento dialógico. Um lugar onde não há silenciamento de nenhuma voz. Onde o autor não se comporta como dono da palavra, mas sim como um regente habilidoso que organiza personagens, consciências, que falam por si, em um projeto maior de dizer: o do próprio romance como obra artística inacabada, como um elo na cadeia discursiva. (PAULO e MOREIRA, 2012, p. 55)

A partir desse trecho de Paulo e Moreira, é possível traçar um paralelo entre o papel do autor indicado por Bakhtin na obra de Dostoiévski e o papel do professor, pois este pode, como aquele faz com o romance, organizar o processo de aprendizagem e propor caminhos, no entanto, é possível que deixe lacunas que os alunos devem querer preencher ao longo do tempo e, assim, irem se tornando cada vez mais críticos, menos alienados e com sede de conhecimento.

Talvez seja esse também o papel do professor, provocar nos alunos a dúvida e a vontade de saber mais, para Beth Brait (1994, p.26), “A ideia de diálogo inconcluso e de atitude dialógica em direção ao sentido”, talvez seja o ensinamento mais vivo e permanente no conjunto da produção de Bakhtin”, o que pode ser levado para a educação, na medida

em que o professor possa apontar sempre para a inconclusão dos temas, incentivando a pesquisa e a visão crítica.

4. Polifonia, Dialogismo e o Poder dos Dispositivos no Ambiente Virtual Analisado

4.1 Descrição da Disciplina e do Ambiente Virtual

A disciplina analisada é pertencente a um curso de pós-graduação de EaD, *lato-sensu*, na área de gestão pública, de uma universidade federal, localizada no estado de São Paulo, e foi ministrada no segundo semestre de 2014. Apesar de ocorrência de duas aulas presenciais, uma no início da disciplina para introdução e outra no encerramento, quando houve a avaliação presencial final, nós focamos apenas no ambiente virtual para as análises dessa pesquisa.

O ambiente virtual é *on-line* e os alunos precisam de *login* e senha para acessar. A disciplina foi dividida em 4 unidades, com início em 08/11 e término em 13/12/2014.

Cada unidade propõe leituras obrigatórias e complementares, além de atividade de avaliação, como veremos a seguir:

Unidade 1:

O professor propôs a leitura de um texto sobre a Burocracia no estado brasileiro e, como avaliação, a escrita individual de uma resenha sobre um tema específico pré-estabelecido, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP).

A realização da atividade avaliativa contaria como presença na unidade, além de nota.

Foi disponibilizado um fórum de dúvidas da unidade, no qual os alunos poderiam postar perguntas aos tutores, espécie de auxiliares dos docentes.

Em relação aos tutores, ressaltamos que cada um é responsável por orientar parte dos alunos nas atividades, aproximadamente 20 estudantes.

Para análise dos ambientes selecionamos apenas o grupo de um tutor.

Unidade 2:

O professor propôs a leitura de parte da apostila fornecida pelo curso e de textos complementares, como atividade avaliativa criou um fórum de discussão, no qual todos os alunos deveriam postar pelo menos três comentários sobre o tema dos materiais de leitura, e

comentar pelo menos uma postagem anterior de algum colega, contribuindo com novos pontos de vista.

A presença e nota foram computadas a partir da participação do aluno na atividade de avaliação. Nessa unidade também havia fórum de dúvidas.

Unidade 3:

Essa unidade possui a mesma configuração da anterior, ou seja, proposta de leituras e fórum de discussão com as mesmas características, além de também apresentar fórum de dúvidas. A presença e a nota foram computadas a partir da participação do aluno na atividade de avaliação.

Unidade 4

Nessa unidade, o professor propôs leituras, e como avaliação pediu que o aluno respondesse em dupla a um questionário sobre os temas discutidos na disciplina. Como as outras, a unidade trouxe fórum de dúvidas e mesma forma de computar presença e nota (participação na atividade).

Aproximadamente, na metade do cronograma da disciplina, o professor ministrou, no ambiente virtual, uma videoconferência ao vivo, a qual foi disponibilizada no fórum e contou com participação em tempo real dos alunos, que puderam interagir, fazendo perguntas e expondo suas opiniões, da mesma forma que ocorre em uma aula presencial, apenas com a diferença de que os estudantes estavam em suas casas ou em outros espaços que não fosse a universidade e utilizaram a tecnologia para se conectar.

Os alunos que não participaram da videoconferência em tempo real puderam assistir à gravação que ficou disponível, em forma de gravação, no ambiente virtual, apenas com o prejuízo de não poderem interagir ao vivo, no entanto, como todos os outros estudantes, poderiam participar do fórum de dúvidas de cada unidade para receber orientação sobre o que precisassem.

4.2 Análise do ambiente a partir do referencial teórico

Antes de partirmos para a análise das unidades, ressaltamos que o próprio ambiente virtual de aprendizagem funciona como um dispositivo que direciona não só o aluno, mas também o professor, ambos os participantes do processo educacional agem de acordo com a

configuração do AVA, ou seja, o trabalho docente tem que ser pensado de acordo com as possibilidades comunicativas do ambiente, assim como as formas de interação entre os integrantes da comunidade virtual.

Na unidade 1, apenas a leitura dos textos teóricos e a escrita da resenha podem não ser o suficiente para motivar os alunos a se interessarem de fato pelo assunto, principalmente pela falta de contato aluno-professor da EaD, uma solução seria a indicação de vídeos, textos de outros gêneros, como reportagens, e romances sobre o tema proposto, pois estes funcionariam como dispositivos que poderiam despertar o interesse dos alunos. No entanto, se pensarmos no exercício da resenha especificamente do ponto de vista dialógico, podemos inferir que o texto produzido é um espaço dialógico e polifônico, pois nele estariam presentes e em confronto tanto as vozes das leituras teóricas como as vozes trazidas pelos alunos. Porém, a ausência do fórum de discussão, antes da postagem da resenha, limitou o nível dialógico do texto produzido, pois os alunos não tiveram contato com as vozes dos colegas, portanto, um fórum de discussão, ainda que reduzido, ou seja, com menos postagens obrigatórias, contribuiria para uma produção mais polifônica.

Outro fato importante para ressaltarmos é a resenha ter sido proposta partindo do tema DASP, enquanto o texto de leitura tratava de outros assuntos, sendo assim, o professor poderia ter permitido que o aluno escolhesse sobre o quê gostaria de escrever, pois ele já havia direcionado, ou seja, escolhido o foco do que mostrar ao estudante, quando selecionou o texto teórico a ser lido e a resenha como atividade avaliativa.

As unidades 2 e 3 podem ser analisadas em conjunto, pois apresentam a mesma configuração, tanto uma quanto a outra tinham como proposta a leitura de textos teóricos e, em seguida, a participação no fórum de discussão, no qual os alunos deveriam postar três comentários sobre o conteúdo da disciplina, a sua própria escolha, o que os deixam mais à vontade para se aprofundarem nos temas de suas preferências, tornando a atividade mais motivadora, além disso, os estudantes também deveriam comentar as postagens anteriores dos colegas. Dessa forma, o fórum começa a se tornar um contexto polifônico, no qual podemos identificar as vozes presentes nos textos teóricos e as vozes dos alunos, sendo incorporadas ou rejeitadas umas pelas outras, isto é, é possível observarmos a “arena de luta” apontada por Bakhtin (2008). Essas unidades também apresentaram fórum de dúvidas,

e tiveram como critério de avaliação e presença a realização da atividade (postagens no fórum).

A unidade 4 diferenciou-se das outras por trazer como proposta de avaliação e também critério para computar presença o preenchimento de um questionário, com questões referentes a todo o conteúdo abordado, e que deveria ser realizado em duplas. Esse tipo de atividade favorece a diálogo entre dois estudantes, criando respostas polifônicas, as quais resultariam da combinação, principalmente, das vozes dos dois integrantes, dos textos e também do professor. No entanto, essa interação se daria em menor grau se os estudantes resolvessem dividir as questões, ou seja, um integrante da dupla respondesse as primeiras perguntas e o outro o restante delas, porém, esse tipo de atitude pode ser difícil de ser identificada pelo professor, ao qual caberia simplesmente a tarefa de apontar a importância daquela interação com o colega para a construção de ideias mais abrangentes e ampliação dos saberes.

Os fóruns de discussão das atividades foram propostas que contribuíram para a interação entre os alunos, mesmo que de forma parcialmente forçada pelo professor, já que eram critério para garantir nota e presença. Sendo assim, podemos caracterizar essa atividade como um recurso utilizado pelo professor para direcionar o comportamento do estudante, que precisou participar dos diálogos e, com isso, entrou em contato com diversas vozes, as quais eram provenientes de outros alunos já embasadas nas leituras, na aula presencial e na videoconferência ministradas pelo professor.

Nesse ambiente polifônico, a dialogia presente pôde contribuir para que o aluno pudesse entrar em contato com outras visões de mundo, as quais poderiam modificar e complementar as suas ideias, ou, simplesmente serem rejeitadas, mas sem deixar de colaborar para reforçar suas opiniões, o que amplia as possibilidades de pensamento, o senso crítico e os saberes.

5. Considerações Finais

No que diz respeito à EaD, foi possível entendermos como ela promove a interação com o auxílio de tecnologia nos ambientes virtuais, através de fóruns de discussão, fóruns de dúvidas e videoconferências, o que demonstra o potencial dialógico dessa modalidade de

ensino, a qual pode ser tanto ou mais eficiente que a modalidade presencial, demonstrando que aquele preconceito apontado por Mill (2011) em relação a EaD é infundado, já que ela oferece muitas possibilidades dialógicas, de maneira apenas diferente da educação presencial, não podendo ser considerada nem melhor nem pior.

Observamos também que os dispositivos utilizados pelo professor para direcionar os alunos no processo de aprendizagem podem contribuir para motivá-los a buscar novos conhecimentos e se tornarem cidadãos mais críticos. Não podemos deixar de considerar que não são apenas os estudantes que estão condicionados ao direcionamento dado pelos educadores, estes também são direcionados pelas regras e possibilidades oferecidas pelo próprio dispositivo que corresponde ao seu local de atuação.

A partir do referencial teórico, conseguimos observar como os conceitos apontados por Bakhtin (2008) e Agamben (2005) podem contribuir para nossas reflexões acerca da educação. Um educador que optar por olhar para sua prática através dessas ideias pode tornar seu papel mais significativo e estar pronto para utilizar os dispositivos a seu favor e para auxiliar na transformação de seus alunos em cidadãos, além de perceber que, muitas vezes, a mudança é necessária para construir um ambiente mais polifônico, que contribua para o desenvolvimento do senso crítico dos educandos. Dessa forma, propomos que os professores sejam mediadores e reflitam sobre sua prática, que utilizem os dispositivos e criem ambientes dialógicos, a fim de apontar possibilidades a seus alunos, tornando-os um pouco mais autônomos no processo de aprendizagem.

Na polifonia as vozes estão em pé de igualdade, como afirma Bakhtin em relação aos romances de Dostoiévski, nos quais a voz do autor está presente e se impõe, mas sem assumir maior valor que as vozes dos personagens; nos ambientes de aprendizagem, também é possível que o professor deixe claro sua opinião, enquanto permite que o dialogismo ocorra e o espaço se torne polifônico, incentivando que os alunos demonstrem também seus ideais, construindo diálogos inconclusos que estão sempre abertos para se confrontar com novas vozes. A partir dessa interação, que é incentivada e facilitada pelo uso de dispositivos, os alunos tornam-se sujeitos/cidadãos, pois eles entram em contato com a cultura da sociedade, com opiniões diferentes, e constroem seus próprios discursos, desenvolvendo visão crítica e autonomia.

Tanto a polifonia e o dialogismo quanto a relação dos alunos ou indivíduos em geral com os dispositivos podem transformá-los em sujeitos sociais, acentuando o paradoxo bakhtiniano, no qual os seres são compostos por vozes sociais (provenientes de diversas fontes) que os tornam indivíduos singulares, ou seja, é possível inferir que a partir das interações sociais as pessoas constroem sua subjetividade, por isso a importância da dialogia e do poder dos dispositivos (no que diz respeito a sua capacidade de direcionar e causar mudança de conduta) na educação e por que não na vida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Tradução de Nilcéia Valdate. Revista Outra travessia n 5, p 9 – 16. Ilhota de Santa Catarina, jul/dez/2005.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: FIORIN, J. L. (Org.); BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. v. 1. 1a. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008.

BRAIT, B. As vozes Bakhtinianas e o Diálogo Inconcluso. In: FIORIN, J. L. (Org.); BARROS, D. L. P. (Org.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. v. 1. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

MILL, D. Educação a Distância Contemporânea: noções introdutórias. In: OTSUKA, J. et. al. **Educação a Distância: formação do estudante virtual**. São Carlos: UAB-UFSCar, 2011.

PAULO, Sidney de; MOREIRA, T. A. Acerca do Método em Problemas da Poética de Dostoiévski. In: (GEGe). **Palavras e Contrapalavras: Enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. 170 p.

PIRES, V. L.; TAMANINI-ADAMES, F. A. **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia**. Estudos Semióticos (USP), v. 6, p. 66-76, 2010.